



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

NATALIA SILVA SANCHES

**EFEITO PLACEBO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O EFEITO DE CURA
NA PERSPECTIVA DO ENATIVISMO E DA PSICOLOGIA ECOLÓGICA**

SALVADOR - BAHIA
2023

NATALIA SILVA SANCHES

**EFEITO PLACEBO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O EFEITO DE CURA
NA PERSPECTIVA DO ENATIVISMO E DA PSICOLOGIA ECOLÓGICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Giovanni Rolla

SALVADOR - BAHIA
2023

NATALIA SILVA SANCHES

EFEITO PLACEBO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O EFEITO DE CURA NA PERSPECTIVA DO ENATIVISMO E DA PSICOLOGIA ECOLÓGICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Aprovado em _____ de _____ do ano.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Giovanni Rolla
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Dr. Eros Moreira de Carvalho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Flávio Vieira Curvello
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Giovanni Rolla, pela orientação sempre presente e sólida e pelo incentivo constante, mas especialmente pelo acolhimento generoso do meu anseio de espaço acadêmico para o exercício livre do pensar.

Poética

*Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo
e manifestações de apreço ao Sr. diretor*

*Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho
vernáculo de um vocábulo*

Abaixo os puristas

*Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis*

*Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico*

De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo

*De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar
com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar
às mulheres, etc*

*Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare*

– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Manuel Bandeira

RESUMO

Dada a concepção filosófica enativista acerca da relação de causalidade circular estabelecida entre corpo, mente e ambiente, o escopo desse trabalho é articular a aplicação dessa concepção filosófica a um problema de ordem empírica. Para cumprir com esse propósito escolheu-se examinar o efeito placebo. O ponto central que se pretende alcançar nessa articulação é, utilizando as ferramentas enativistas, explicar de que maneira mudanças na dinâmica estabelecida entre agente e ambiente podem desencadear um processo de cura quando ausentes intervenções causais diretas no organismo. Inspirando-se no mistério que circunda o tema efeito placebo, a proposta inicial dessa dissertação é apresentar um delineamento de uma explicação para o contexto adequado em que ocorrem as respostas corporais de cura de um indivíduo quando estas decorrem de um tratamento tomado comumente como supostamente ineficaz. Para tanto serão desenvolvidos alguns fundamentos enativistas e da psicologia ecológica dentre os quais: a organização autopoietica dos organismos vivos e a atividade de produção de sentido, a adaptatividade, a percepção, as affordances e o campo de affordances. Uma vez traçados o que seriam os contornos de um contexto adequado à ocorrência do efeito placebo, o objetivo seguinte dessa dissertação é retomar o tema da adaptatividade para examinar as concepções de patologia e cura na perspectiva enativista e ao final propor que uma concepção de saúde, fruto de uma abordagem biofuncional, seja o critério avaliativo utilizado para o exame da ocorrência do efeito placebo.

PALAVRAS-CHAVE: efeito placebo; enativismo; psicologia ecológica; adaptatividade; patologia; cura.

ABSTRACT

Given the enactivist philosophical conception of the circular causal relationship established between body, mind and environment, the scope of this work is to articulate the application of this philosophical conception to an empirical problem. To fulfill this purpose, we chose to examine the placebo effect. The central point that we intend to achieve in this articulation is, using enactivist tools, to explain how changes in the dynamics established between agent and environment can trigger a healing process when direct causal interventions in the organism are absent. Inspired by the mystery that surrounds the subject of the placebo effect, the initial proposal of this dissertation is to delineate an explanation for the appropriate context in which an individual's bodily healing responses occur when these result from a treatment commonly taken as supposedly ineffective. To do so, some enactivist and ecological psychology fundamentals will be developed, including: the autopoietic organization of living organisms and the activity of meaning production, adaptivity, perception, affordances and the field of affordances. Once traced what would be the contours of a appropriate context for the occurrence of the placebo effect, the next objective of this dissertation is to return to the theme of adaptivity to examine the conceptions of pathology and cure in the enactivist perspective and, in the end, propose that a conception of health, fruit of a biofunctional approach, it is the evaluative criterion used to examine the occurrence of the placebo effect.

KEYWORDS: placebo effect; enactivism; ecological psychology; adaptivity; pathology; cure.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A ORGANIZAÇÃO AUTOPOIÉTICA DOS ORGANISMOS VIVOS, PRODUÇÃO DE SENTIDO E ADAPTATIVIDADE.....	13
2.1 PRODUÇÃO DE SENTIDO E CIRCULARIDADE.....	15
3 ENATIVISMO E PSICOLOGIA ECOLÓGICA.....	18
4 CURA, SAÚDE E ADAPTATIVIDADE	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

O problema mente-corpo é uma questão clássica da Filosofia. Tradicionalmente considera-se subjacente a essa questão, a questão relativa à natureza da mente e do corpo. A tese do dualismo de substância, comumente conhecida como dualismo cartesiano, propõe que mente e corpo são substâncias diferentes e irreduzíveis uma à outra e, portanto, com características próprias, sendo o corpo uma entidade física e a mente uma entidade não-física.

Dado esse dualismo, que se configura como um dualismo ontológico, a objeção que se impõe e que serve aos propósitos desse trabalho é o problema da causalção mental, que é assim formulado: como os estados mentais influenciam o corpo? Ou em outros termos, como podem se relacionar causalmente entidades que possuem naturezas diversas e são irreduzíveis uma a outra? Ou ainda, como explicar a interação entre a mente e o corpo?

Nas ciências cognitivas contemporâneas, o paradigma cognitivista também conhecido como teoria computacional da mente é apontado como alternativa ao dualismo cartesiano. Contudo, o que se verifica é que essa teoria fracassa nesse propósito. O paradigma cognitivista está fundamentado nos seguintes pilares teóricos que se complementam: o cerebralismo, o computacionalismo e o representacionalismo. Como a própria denominação dada aos citados pilares sugere, a teoria está baseada na metáfora computacional e na ideia de que o cérebro é o centro da mente. Conforme a metáfora computacional, a mente é tida como “um computador que processa estímulos sensoriais e provê respostas comportamentais” e “opera pela articulação de representações – as chamadas representações mentais” (ROLLA, 2021, p. 30).

Embora os defensores da tese cognitivista neguem o aspecto ontológico do dualismo de substância ao sustentar que mente e corpo possuem a mesma natureza, na verdade, o paradigma computacional mantém a estrutura explicativa do dualismo ao afirmar que a mente é uma instância funcional de manipulação de símbolos desincorporada, ou seja, do mesmo modo a mente está separada do corpo, mas neste caso, funcionalmente.

Famosamente, nos anos 90, Varela et al. sustentaram que o problema mente-corpo se tornou uma reflexão abstrata desde que houve a separação entre cultura e

vida corporal e atribuíram ao dualismo cartesiano a formulação desse problema (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2016, p.30). Nesse contexto, os autores avançaram as linhas gerais do projeto enativista em filosofia da mente e ciências cognitivas, um projeto que se desdobra até hoje.

Adotando um ponto de vista pragmático e, contrariando a postura tradicional do pensamento filosófico de responder à questão acerca da relação entre mente e corpo posteriormente ao exame isolado e abstrato da mente e do corpo, os enativistas sustentam que a reflexão relativa à natureza da mente e do corpo não está separada da assunção de uma circularidade fundamental existente entre eles.

Associado a esse primeiro pressuposto relativo à circularidade, está o pressuposto de que somente depois de reconhecer que a relação entre corpo e mente está calcada na experiência é possível perguntar acerca da relação estabelecida entre o corpo e a mente (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2016, p.30). A circularidade, portanto, abrange a relação de entrelaçamento mútuo entre mente, corpo e ambiente.

Essa ideia de circularidade em termos enativos “corresponde ao acoplamento estrutural entre organismo e ambiente, produzido por ciclos funcionais de interação sensório-motora” (FUCHS, 2020, p. 4). Por essa razão diz-se que a cognição é essencialmente situada, ou seja, as performances cognitivas do organismo dependem fundamentalmente das circunstâncias ambientais nas quais se realizam. Logo, se as atividades mentais são fundamentalmente situadas, é sem sentido pensar a cognição em absoluta separação do mundo (ROLLA, 2021, p. 60).

A convicção defendida ao longo do livro *The Embodied Mind* (2016) é que o estudo científico deve abarcar a experiência humana visto que o acesso ao mundo pelo sujeito se realiza pela exploração ativa do ambiente. Para entender melhor o alcance disso é preciso dizer que a abordagem enativa assume dois pressupostos, os quais serão mais bem desenvolvidos ao longo do texto: em primeiro lugar, que a “percepção consiste em uma ação perceptualmente guiada” e em segundo lugar, que as “estruturas cognitivas emergem dos padrões sensório-motores que permitem a ação ser perceptualmente guiada” (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2016, p.173).

Varela et al. afirmam que este livro teve como inspiração o programa de pesquisa fundado por Maurice Merleau-Ponty (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2016, p. Ixi), especialmente no que diz respeito à abordagem dada pelo autor à percepção. Outra informação dada pelos autores do *The Embodied Mind* (2016) é que nas discussões ali contidas buscou-se adotar o caminho do meio entre os extremos de uma

recuperação de um mundo exterior (realismo) e de uma projeção de um mundo interior (idealismo).

Sob o ponto de vista dos autores, ambos os extremos tomam a representação como uma noção central: ou a representação é usada para recuperar o que está fora, ou é utilizada para projetar o que está dentro. A intenção expressamente assumida no livro é de desviar inteiramente da lógica geográfica interno *versus* externo entendendo que a cognição não se trata de uma recuperação ou de uma projeção, mas de uma *ação incorporada* (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2016, p. 172).

O termo 'incorporada' diz respeito ao fato de que a cognição depende do tipo de experiência que advém de um corpo com diversas capacidades sensório-motoras específicas e que essas capacidades sensório-motoras estão inseridas em um contexto mais amplo: biológico, psicológico e cultural. Com o termo 'ação' os autores querem enfatizar o fato de que percepção e ação não estão apenas contingencialmente ligadas, mas mais precisamente são fundamentalmente inseparáveis.

A tese defendida pelos enativistas é de que a mente é corporificada, e por corporificada entenda-se que corpo e mente estão reunidos (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2016, p. 27). Essa reunião entre corpo e mente significa essencialmente que a interação do organismo com o mundo depende da morfologia corpórea do organismo. Por isso é possível afirmar que "o corpo do organismo é um elemento constitutivo das suas performances cognitivas" (ROLLA, 2021, p. 59).

Aqui pode-se perguntar: e como surge a mente? E a resposta é dada pelos enativistas por meio da tese denominada de emergentismo. Numa primeira aproximação, a proposta emergentista é que as camadas superiores (emergentes) surgem da dinâmica das camadas inferiores (emergenciais), sem serem redutíveis a estas. Em termos mais específicos, os estados cognitivos emergem nos organismos da coordenação entre sensação e movimento, a partir do estabelecimento de uma dinâmica causal circular constante que ocorre em diferentes níveis (ROLLA, 2021, p. 57).

Fala-se em dinâmica causal bidirecional porque padrões de sensação e movimento causam a emergência de estados cognitivos (de baixo-cima), e o exercício de HSMs [habilidades sensório motoras] restringe e orienta o fluxo de sensações e respostas motoras (de cima-baixo). (ROLLA, 2021, p.57-58)

Desse modo, ao que parece (e a doutrina é omissa quanto a isso), a rigor, o enativismo é simpático ao dualismo ontológico de propriedades, posto que, as propriedades das camadas inferiores e superiores, embora complementares, são irreduzíveis uma a outra. Contudo, tais camadas interrelacionam-se causalmente e o fato de estarem reunidas permite Giovanni Rolla concluir que “em virtude da concepção corporificada da mente e da cognição, o problema clássico de conectar corpo e mente simplesmente se desfaz, pois a mente é corporificada.” (ROLLA, 2021, p .59)

Feito esse percurso introdutório, importa destacar que essa dissertação adotará como principal norteador a ideia de que embora as camadas (físico-química, biológica, sensório-motora e sociocultural) que constituem os agentes cognitivos possuam propriedades próprias estão elas causalmente interrelacionadas. O que se pretende a partir daqui é articular a aplicação dessa concepção filosófica acerca da relação entre corpo, mente e ambiente a um problema de ordem empírica que, para os propósitos deste trabalho, escolheu-se examinar o efeito placebo.

A pretensão do texto é apresentar e discutir o efeito placebo utilizando as ferramentas enativistas para explicar de que maneira mudanças na dinâmica entre o agente e o ambiente podem desencadear um processo de cura uma vez ausentes as intervenções causais diretas no organismo.

É comum considerar os efeitos terapêuticos dos placebos um mistério, isto porque a relação de causalidade estabelecida entre um tratamento supostamente ineficaz e as respostas corporais de cura que dele decorrem carece de explicação. No texto *An enactive account of placebo effects* (ONGARO; WARD, 2017) os autores apresentam algumas razões, na perspectiva da concepção enativa de cognição, que procuram tornar inteligível o fenômeno do efeito placebo.

Em apertada síntese, a argumentação dos autores atribui os efeitos do placebo à interrelação dinâmica estabelecida entre mente, corpo e ambiente. Na perspectiva desses autores, se mente, corpo e ambiente estão entrelaçados dinamicamente “tocar” em uma parte dessa teia faz reverberar no resto, logo, “isso torna inteligível como manipular a cognição ou o ambiente pode curar o corpo” (ONGARO; WARD, 2017, p. 518).

O questionamento que o texto acima referido se propõe a responder é “como uma mera atitude em direção ao tratamento resulta em mudanças corporais apropriadas?” (ONGARO; WARD, 2017, p. 507). Como dito linhas acima, o objetivo

principal dessa dissertação é a partir das razões apresentadas no trabalho de Ongaro e Ward, explorar alguns dos fundamentos enativistas e da psicologia ecológica que servem de esteio para entender o contexto adequado em que o processo de cura é desencadeado e, ao final, propor uma concepção de saúde (ancorada em um critério biofuncional) à concepção de cura ali apresentada.

Para tanto, o percurso explicativo consistirá, na seção 2, na caracterização da organização autopoietica dos organismos vivos e da *atividade de produção de sentido*, através da qual o organismo identifica quais fatores ambientais são favoráveis ou não à sua automanutenção, além de demonstrar a sua estrutura circular e as repercussões disso. E em seguida, articular uma aproximação possível da atividade de produção de sentido com o tema do efeito placebo, a partir de uma analogia com a abordagem holística no tratamento das desordens psiquiátricas. Destaca-se aí o papel complementar da *adaptatividade*, que consiste na capacidade do organismo de modular a sua relação com o ambiente (face as gradações de estados nele encontradas), com vistas à manutenção de sua viabilidade como unidade autopoietica.

Na seção 3, a partir de uma aproximação entre o enativismo e a psicologia ecológica (que será oportunamente justificada) tratarei do que é a percepção na perspectiva da psicologia ecológica enfatizando que perceber o ambiente é perceber as *affordances*, ou seja, é perceber as oportunidades de interação com esse ambiente, noticiando a possibilidade de incluir na abordagem das *affordances* o exame de aspectos sociais e culturais. Por fim, explicarei o papel da intencionalidade habilidosa do organismo ao compor o seu *campo de affordances*.

Uma vez traçado o contorno do que seria o contexto adequado em que o processo de cura é desencadeado em um indivíduo submetido a um tratamento supostamente ineficaz, os objetivos seguintes são: discutir, na seção 4, a concepção de patologia e cura numa perspectiva enativista, presentes no artigo de Ongaro e Ward (2017) e, na seção 5, apresentar o que seria uma concepção de saúde numa abordagem biofuncional, presente em Saborido et al. (2016), propondo-se ao final a aplicação desta concepção de saúde à concepção de cura então apresentada.

2 A ORGANIZAÇÃO AUTOPOIÉTICA DOS ORGANISMOS VIVOS, PRODUÇÃO DE SENTIDO E ADAPTATIVIDADE

O enativismo é uma concepção atual nas ciências cognitivas segundo a qual a mente e seus processos emergem da dinâmica que o organismo mantém com o ambiente em que se situa. (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991/2016) Essa concepção de mente é historicamente relacionada à compreensão da autopoiese (MATURANA; VARELA, 1980). Segundo Maturana e Varela (1980), a organização autopoietica é o que distingue um sistema vivo de um sistema não vivo. Conforme explica Rolla (2021), sistemas vivos são autopoieticos porque

(...) produzem seus próprios componentes estruturais [...] e estabelecem autonomamente as regras de interação entre esses componentes. A produção desses componentes é encerrada por um espaço físico bem definido que também é produzido pelo próprio sistema [...] e que permite trocas materiais e energéticas entre o sistema e o seu meio [...] (ROLLA, 2021, p. 48).

Assim, organismos vivos são sistemas estruturalmente fechados e longe do equilíbrio, que interagem com o ambiente de modo a sustentar a sua condição de entidade biológica distinta. Ou seja, a manutenção da própria identidade sistêmica tanto ocorre em um ambiente composto de elementos com os quais o sistema precisa interagir, como depende da capacidade do organismo de preservar-se dentro dos seus limites de viabilidade.

Segundo Francisco Varela a atividade de produção de sentido (ou *sense-making*) complementa a teoria da autopoiese e é por meio dela que o organismo identifica quais são os fatores ambientais favoráveis ou não à sua automanutenção. Assim, se os estados ambientais favorecem a automanutenção do sistema, são considerados atrativos, se prejudicam a automanutenção do sistema são considerados repelentes. Nesse mesmo sentido explica Rolla “a ideia central dos teóricos da autopoiese é que um sistema vivo, dada sua condição de precariedade, constantemente se afasta de repelentes e se aproxima de atratores para garantir a sua identidade sistêmica” (ROLLA, 2021, p. 50). Ao identificar o caráter das características ambientais distinguindo quais relações são significativas ou não, o ser vivo produz sentido através dessa atividade.

Em complemento ao mecanismo da autopoiese e à atividade de produção de sentido, Ezequiel Di Paolo (2005) acrescenta o conceito de *adaptatividade* para

explicar o comportamento antecipativo e flexível dos sistemas vivos. Esse comportamento é exigido especialmente em ambientes complexos nos quais o organismo encontra gradações de estados, ora mais atratores ora menos atratores, e deve ser capaz de efetivar “ajustes estruturais anteriormente ao encontro com esses estados” (ROLLA, 2021, p. 52). A *adaptatividade*, portanto, diz respeito à capacidade do organismo de se automonitorar e “regular a si mesmo respeitando os limites de sua própria viabilidade” (DI PAOLO, 2005, p. 430). Mais especificamente, diz respeito à maneira do organismo modular a sua relação com o ambiente, lidando com as mudanças desafiadoras desse ambiente. Tal modulação permite ao organismo, a partir de um monitoramento ativo das perturbações que o levariam à perda de sua própria viabilidade, agir adequadamente sobre elas. Ou seja, é o modo do organismo avaliar quais são os desajustes e encontrar os meios para alcançar o propósito de compensá-los, preservando a sua própria viabilidade.

Outro aspecto da noção de adaptatividade encontrado em Di Paolo (2005), que nos interessa destacar aqui, é a possibilidade de teorizar acerca de fenômenos como *disfunção*, *estresse*, *fadiga*, *mal-adaptação* e *patologia*. Antes, porém, para bem compreender a explicação que se segue, é preciso dizer que a normatividade em sentido enativista é uma normatividade autônoma, ou seja, é uma normatividade estabelecida pelo próprio organismo e tem como finalidade permitir que o organismo se mantenha em seu estado ótimo de funcionamento preservando a sua viabilidade no ambiente.

Segundo Di Paolo (2005), os citados fenômenos seriam considerados falhas na adaptatividade. Diz-se que tais fenômenos são falhas porque são capazes de distanciar o organismo do seu estado ótimo de funcionamento. E neste caso, uma vez reajustado o conjunto das normas que regem o próprio organismo, “possivelmente através de reparos nos processos adaptativos e de mudança para relações aceitáveis com o ambiente”, seria possível falar de *cura* (DI PAOLO, 2005, p. 440).

Citando Georges Canguilhem (1966) e Kurt Goldstein (1934), o autor assevera que, “saúde, nessa perspectiva, é muito diferente de uma correlação estatística espécie-específica de normalidade e conseqüentemente existem muitas maneiras de ser saudável” (DI PAOLO, 2005, p. 440). O que se deduz dessa afirmação é que, ao que parece, não existe apenas uma maneira do organismo vivo compensar as falhas na *adaptatividade*. A razão para isso é que todo reparo no processo adaptativo realizado pelo organismo, de modo a viabilizar a manutenção de relações aceitáveis

com o ambiente, deve ser tomado como uma maneira diversa de ser saudável. Isso é bastante diferente de uma simples operação de correlação estatística com parâmetros de normalidade específicos previamente estabelecidos e potencialmente estranhos ao próprio organismo.

2.1 PRODUÇÃO DE SENTIDO E CIRCULARIDADE

Retomando o ponto acerca da atividade de produção de sentido, o que se pretende aqui é, em primeiro lugar, demonstrar que essa atividade possui uma estrutura circular, e em segundo lugar, articular uma aproximação possível com o tema do efeito placebo, a partir de uma analogia com a abordagem holística no tratamento das desordens psiquiátricas. O que se disse anteriormente acerca da atividade de produção de sentido é que através dela o organismo identifica quais são os fatores ambientais favoráveis ou não à sua automanutenção. Isso permite concluir que a atividade de produção de sentido se trata de uma atividade avaliativa e que deve ser compreendida em um contexto relacional, posto que ela depende em igual medida das características do organismo e do que é dado pelo ambiente.

Além desse aspecto avaliativo, Sanneke de Haan defende que a produção de sentido possui ainda um caráter afetivo correlacionado (HAAN, 2020, p. 8), o qual tipicamente não requer escrutínio consciente, mas se trata uma experiência corporal afetiva direta (HAAN, 2020, p. 8).

É a partir desse contexto, avaliativo, afetivo e relacional da atividade de produção de sentido, que Haan (2020) serve-se dos pressupostos enativistas para defender o uso de uma abordagem holística no tratamento das desordens psiquiátricas, as quais, segundo a autora, se tratam de desordens de produção de sentido. E mais, ao modelo de tratamento biopsicossocial, que se propõe a integrar as dimensões biológica, psicológica e social, a autora acrescenta uma quarta dimensão, denominada de dimensão existencial, que estaria fundada na atividade de produção de sentido.

A dimensão existencial segundo a autora diz respeito “às instâncias reflexivas que assumimos nas diversas experiências e situações” (HAAN, 2020, p. 4), ou seja, trata-se da nossa capacidade de avaliar reflexivamente as nossas experiências. Segundo a autora essa dimensão existencial seria capaz de moldar as outras dimensões, conferindo desse modo destaque ao papel fundamental das psicoterapias. Aqui é possível fazer uma articulação com a causalidade circular para explicar essa

interdependência entre as quatro dimensões e justificar de que modo uma dimensão é capaz de influenciar as demais numa circularidade causal contínua.

O tema da causalidade circular foi explorado por Thomas Fuchs (2020) ao explicar as interações dinâmicas estabelecidas entre organismo e ambiente. Fuchs (2020) identifica a ocorrência de uma causalidade de caráter circular ao tratar da interdependência mútua entre a atividade de produção de sentido realizada pelos organismos e as *affordances* do ambiente. Segundo o autor a atividade de produção de sentido reflete a existência de uma ressonância contínua entre corpo, mente e ambiente.

Aqui é oportuno destacar que a perspectiva de interdependência entre as quatro dimensões defendida por Haan, permite a autora concluir que, se nas desordens psiquiátricas as dimensões fisiológica, sociocultural e existencial se relacionam, um modelo útil de tratamento deve levar em conta todas elas. Essa conclusão torna evidente a oposição da autora ao modelo hegemônico neuro-reducionista segundo o qual os transtornos mentais seriam apenas doenças do cérebro.

O que se pretende demonstrar com esta explicação é que a proposta de prática holística no tratamento das desordens psiquiátricas reforça e destaca o papel fundamental das dimensões existencial, sociocultural e psicológica para pensar o contexto adequado à ocorrência do efeito placebo. Diante de um tratamento médico simulado parece evidente que examinar o contexto adequado para a ocorrência do efeito placebo implica conferir significativa relevância ao exame do papel das dimensões existencial, sociocultural e psicológica no resultado de cura alcançado.

A proposta de abordagem integrativa no tratamento das desordens psiquiátricas assume dois pressupostos, o primeiro, que não há hierarquia entre as dimensões e, o segundo, que nenhuma dimensão pode ser compreendida isoladamente, daí a importância da circularidade causal identificada por Fuchs (2020). Corroborando com a mesma ideia Haan (2020) afirma existir uma relação mereológica entre os processos fisiológicos e experienciais (HAAN, 2020, p.14) ou, em outras palavras, tais aspectos fisiológicos e experienciais se sobrepõem uns aos outros e influenciam-se mutuamente.

Ainda nessa perspectiva, mas agora considerando os organismos de modo individual, a partir de dimensões denominadas por Fuchs (2020) de corpo vivido e corpo físico, o autor afirma que os processos experienciais atuam sobre os processos fisiológicos e vice-versa no sentido de influenciarem-se e modificarem-se

mutuamente, não podendo ser redutíveis um ao outro, mas capazes de constituírem-se mutuamente. Isto nos permite trazer à colação a conclusão de que o efeito placebo testemunha como nossos processos fisiológicos estão intrinsecamente ligados às nossas experiências anteriores e ao contexto social (HAAN, 2020, p.12).

Enquanto abordagens lineares da causalidade oferecem explicações sincrônicas, a causalidade aplicada aos sistemas dinâmicos complexos oferece explicações diacrônicas e multifatoriais (HAAN, 2020, p.15). Assim, embora seja possível afirmar que a causa fisiológica é causa em um contexto específico, ela está em comunhão com outras influências, como as dimensões psicológica, sociocultural e existencial (HAAN, 2020, p.16). Contudo, tratando-se de um sistema dinâmico complexo, no qual a análise das causas depende do contexto, não é possível apontar a causa específica de uma determinada ocorrência e oferecer uma explicação sincrônica para todos os casos, sobretudo àqueles que envolve fenômenos diversos como as relações de adoecimento e cura.

Trazendo essa reflexão para o tema do efeito placebo o que se conclui é que, embora seja possível excluir a causa fisiológica para contextualizar a sua ocorrência, a inclusão das demais dimensões há que ser considerada sem que seja possível, contudo, formular uma regra incondicionada que permita apontar a causa específica para o resultado da sua ocorrência independente das peculiaridades do caso.

3 ENATIVISMO E PSICOLOGIA ECOLÓGICA

O enativismo e a psicologia ecológica são propostas nas ciências cognitivas contemporâneas que rejeitam o cognitivismo característico das ciências cognitivas tradicionais, e que vigorou incontestado até o final do século XX (ROLLA, 2021). De modo geral, enquanto o enativismo enfatiza os processos pelos quais sistemas cognitivos mantêm-se autonomamente dentro dos seus padrões de viabilidade, a psicologia ecológica de James Gibson (2015) enfatiza como organismos percebem o seu entorno pela exploração das possibilidades de ação. Como proposta para uma abordagem pós-cognitivista completa e, tomando como base a ideia de que a evolução e o desenvolvimento das habilidades de um organismo são explicados a partir das interações do organismo com o seu ambiente, Manuel Heras-Escribano (2019) propõe uma aproximação entre o enativismo e a psicologia ecológica.

O autor defende que a falta de compatibilidade histórica entre o enativismo e a psicologia ecológica é apenas aparente, por uma razão: existem aspectos que são compartilhados por ambas as teorias e dizem respeito às suas raízes pragmatistas, logo, o enativismo e a psicologia ecológica se tratam, apenas, de níveis distintos de análise. Em linhas gerais é possível dizer que ambas as abordagens possuem explicações assentadas em processos de coordenação orgânica e no caráter ativo da percepção do organismo e que disto decorre o compromisso assumido por ambas as teorias de que a cognição é corporificada, situada e não-representacional.

Esses aspectos pragmáticos compartilhados por ambas as teorias estão assentados no pressuposto de que as habilidades cognitivas dos organismos são produto da adaptação biológica, que por sua vez é fruto da capacidade ativa do organismo de explorar seu ambiente (HERAS-ESCRIBANO, 2019, p. 340). Desse modo, ao atribuir maior relevância aos aspectos práticos do que à teoria, essa escola de pensamento sustenta que a experiência está na base de todo o conhecimento, e neste caso, se todo conhecimento deriva da experiência, isso depende da interação do organismo com o seu ambiente. Então, nessa perspectiva, organismo e ambiente afetam-se e moldam-se reciprocamente e conseqüentemente, as habilidades cognitivas não podem ser tomadas como ontologicamente independentes do contexto em que se desenvolveram (ROLLA; FIGUEIREDO, 2021).

Assumir esse pressuposto pragmático evidencia a razão pela qual, para a abordagem da psicologia ecológica, a percepção não é vista como uma recepção passiva de coleta e processamento de informações sobre o ambiente, mas como uma habilidade ativa do organismo (Gibson, 2015). Aproximando o enativismo e a psicologia ecológica, pode-se considerar que a base desse processo, em termos enativistas, é a atividade de produção de sentido. Se perceber é buscar informação para a ação, pode-se afirmar que essa teoria da percepção tem como princípios centrais que a percepção é direta, ativa e orientada pela ação.

Explico: dizer que uma percepção é direta é dizer que a percepção da informação não é mediada por uma representação mental. Dizer que a percepção é ativa é dizer que, estando acoplado ao ambiente, o organismo deve explorá-lo ativamente direcionando a sua atenção para os aspectos relevantes desse ambiente. E por fim, dizer que a percepção é orientada pela ação é dizer que a percepção serve ao controle da ação (e vice-versa), ou seja, a busca de informações no ambiente está orientada para um objetivo que se pretende alcançar. Logo, perceber o ambiente é perceber as *affordances*, ou seja, as oportunidades de interação ofertadas pelo ambiente *a um organismo com características morfológicas específicas* (Gibson, 2015). Assim, por exemplo, uma prateleira em casa pode aparecer como escalável para um gato, ao mesmo tempo em que aparece como um mero apoiador de objetos para um indivíduo, ou ainda, embora o braço acolchoado do sofá apareça como um bom apoio para um indivíduo, pode também aparecer como arranhável para um gato. Portanto, importam para a percepção as características morfológicas dos organismos.

As *affordances* são um conceito central da psicologia ecológica de Gibson (2015) e tradicionalmente são tomadas como relações físicas, ou seja, são tomadas exclusivamente a partir da relação estabelecida entre as propriedades do ambiente (informação ecológica¹) e as características corporais do organismo. Nick Brancazio e Miguel Segundo-Ortin (2020) enfatizam, contudo, que essa abordagem é muito estreita para dar conta da riqueza da percepção humana e que a abordagem das *affordances* deve incluir também aspectos sociais e culturais.

¹ Do mesmo modo como *affordances*, informação ecológica é um conceito central para a psicologia ecológica. A informação ecológica diz respeito ao conjunto de estruturas e regularidades disponíveis no ambiente que permitem ao organismo explorar as *affordances* (BRUINEBERG; CHEMERO; RIETVELD, 2018, p. 5.232).

Nessa mesma linha de raciocínio, Erik Rietveld e Julian Kiverstein (2014) propõem, inclusive, que o próprio conceito de *affordances* aplicável aos humanos deve ser capaz de abranger as diferenças relativas aos modos de vida e acomodar a rica variedade de práticas socioculturais (RIETVELD; KIVERSTEIN, 2014, p. 328). A argumentação desses autores é no sentido de que a interação do organismo com uma *affordance* “sempre envolve o exercício de uma habilidade em um contexto específico” (RIETVELD; KIVERSTEIN, 2014, p. 326), contexto que inclui, além dos aspectos materiais do ambiente, as formas de vida da espécie. ‘Forma de vida’ é um termo cunhado por Wittgenstein e utilizado pelos autores, para definir padrões de comportamento que dizem respeito às maneiras relativamente estáveis e regulares de se fazer as coisas, as quais, no caso dos humanos se manifestam em comportamentos normativos e nos costumes presentes nas comunidades (RIETVELD; KIVERSTEIN, 2014, p. 328-329). Um modo de dizer isso mais claramente é dizer que “o comportamento propicia comportamento” (CARVALHO, 2022, p. 382). Essa construção permitiu Bruineberg, Chemero e Rietveld (2018) concluir que humanos compartilham, além da biologia, as práticas socioculturais (BRUINEBERG; CHEMERO; RIETVELD, 2018). Os autores argumentam inclusive que a esmagadora maioria das *affordances* nas relações sociais humanas são determinadas por práticas socioculturais como as convenções, os costumes ou outras regularidades que não são estritamente físicas (BRUINEBERG; CHEMERO; RIETVELD, 2018, p. 5.236).

O termo cunhado por Rietveld e Kiverstein (2014) para a capacidade de distinguir *affordances* relevantes de *affordances* irrelevantes é *skilled intentionality* ou intencionalidade habilidosa. A intencionalidade habilidosa é “definida como a expertise do indivíduo em responder adequadamente às ações simultâneas que um nicho oferece em uma situação particular, visando melhor domínio da situação” (BRANCAZIO; SEGUNDO-ORTIN, 2020, p. 3). É a intencionalidade habilidosa, portanto, que permite o engajamento seletivo e qualificado do organismo que se encontra diante de múltiplas *affordances* simultaneamente. E aqui vale apontar a distinção que é feita entre *affordances* e solicitações. Como vimos, enquanto as *affordances* dizem respeito às possibilidades de ação do organismo, o termo ‘solicitações’ diz respeito àquilo que aparece como relevante para um organismo individual em determinada situação particular. Neste último caso se diz que um agente com expertise não só percebe, mas experimenta um conjunto de *affordances*

relevantes como solicitações do ambiente, como por exemplo quando uma pessoa vai ao shopping em busca de um livro e neste caso as lojas de roupa não são percebidas por ela como solicitações naquele momento. Assim, este campo de *affordances* (*field of affordances*) refere-se àquelas *affordances* que aparecem pré-reflexivamente como mais atrativas em relação às demais para um indivíduo particular em uma determinada situação.

A importância dessa discussão para o nosso argumento é que a noção de *campo de affordances* permite explicar como pessoas saudáveis percebem o ambiente diferentemente de pessoas doentes. Obviamente uma pessoa saudável não experimenta como solicitações do ambiente, por exemplo, a submissão a um tratamento médico, diferentemente de uma pessoa doente que percebe tal ação como relevante para a manutenção da sua saúde.

Para ilustrar, consideremos um exemplo da ocorrência do efeito placebo apresentado por Giulio Ongaro e Dave Ward (2017) em que os autores trazem o estudo de um caso famoso de J. Bruce Moseley et al. descrito no artigo *A controlled trial of arthroscopic surgery for osteoarthritis of the knee* (MOSELEY et al., 2002). Nesse estudo de caso, foi realizada a simulação de uma cirurgia de artroscopia, sem intervenção cirúrgica efetiva, em um grupo de indivíduos com osteoartrite crônica do joelho. No ensaio randomizado controlado por placebo buscava-se avaliar a eficácia da artroscopia para tratar a osteoartrite do joelho. Os pacientes do grupo placebo receberam incisões na pele e foram submetidos a um desbridamento simulado sem inserção do artroscópio. Curiosamente, descobriu-se que os pacientes que receberam a cirurgia simulada tiveram as funções do joelho recuperadas na mesma taxa de pacientes que receberam a cirurgia real.

Tal resultado permitiu a Ongaro e Ward concluir que, para aqueles pacientes, a pseudo-intervenção (cirurgia simulada) fez mais para aliviar os sintomas crônicos e debilitantes do que anos de tratamento e terapia padrão (ONGARO; WARD, 2017, p. 508). Neste caso específico, no que se refere ao campo de *affordances* dos pacientes, é possível assumir que o convite e a submissão ao tratamento, que em geral inclui: tomar remédio, fazer exames, e submeter-se à cirurgia compunham o campo de *affordances* daqueles indivíduos, dada sua condição de osteoartrite crônica no joelho. Outros indivíduos, sem o mesmo tipo de condição, isto é, sem problemas de articulação, não perceberiam essas possibilidades como relevantes. Conciliando essa perspectiva com o enativismo, conforme discutido no início da seção e expandindo a

concepção de Ongaro e Ward (2017), fica claro que o que faz com que essas possibilidades de interação sejam percebidas como relevantes é a importância que possuem para a automanutenção da saúde do organismo. Essa diferença no campo de *affordances* quando comparamos indivíduos sadios daqueles adoecidos é um indício das diferenças na dinâmica entre mente, corpo e mundo que pode afetar os processos de cura, inclusive quando se trata de um efeito placebo.

4 CURA, SAÚDE E ADAPTATIVIDADE

Retomando o tema da adaptatividade, mas agora com o propósito de pensar sobre a cura e a saúde numa perspectiva enativista, retomo como ponto de partida a pergunta: afinal de contas, por que o efeito placebo é tido como um mistério? Aqui importa explicar que o efeito placebo parece um mistério especialmente para uma concepção mecanicista dos corpos, isto porque os placebos sugerem intervenções projetadas para não produzir eficácia causal nas partes do corpo ou processos afetados.

Para uma concepção mecanicista de patologia, a patologia constitui-se em um funcionamento estatisticamente desviante de partes do corpo ou processos corporais. Dito isso o que se percebe é que a concepção mecanicista adota como parâmetro avaliativo padrões meramente estatísticos e por isso entende-se que essa concepção, notoriamente, evidencia uma negligência a um aspecto qualitativo essencial de doença e saúde (Canguilhem, 1966). Se, por exemplo, um número expressivo de surdos ou autistas julgam com lucidez que são felizes e realizados no que diz respeito aos padrões que endossam, questiona-se se existem razões para se questionar se essas pessoas sofrem de alguma patologia e necessitam de cura (ONGARO; WARD, 2017, p. 517).

De outro lado, para a concepção enativista, é equivocado tomar ao exame isoladamente um traço, função ou partes do corpo (como propõe a concepção quantitativa apresentada acima). Do ponto de vista da concepção enativista, isso implica perder de vista que, tomando cada um destes aspectos isoladamente, isola-se artificialmente partes do organismo que estão inseridas em processos adaptativos dinâmicos. Interessa, portanto, aos enativistas, a adaptatividade, ou seja, a capacidade do organismo de regular a sua relação com o ambiente de forma a manter o seu funcionamento dentro dos limites de viabilidade. Então, em contraposição à concepção quantitativa de patologia, o enativismo propõe que a patologia seja entendida como uma condição que afeta o emaranhamento dinâmico estabelecido entre o organismo e o ambiente afastando-o das condições ótimas de viabilidade.

Assim, para uma concepção enativa, a patologia é aquilo que afeta a relação dinâmica estabelecida entre o organismo e o ambiente de modo a afastar o organismo das condições ótimas de viabilidade. A cura, por outro lado, é entendida como o

resultado da modulação dessa relação que move o organismo para as condições ótimas de viabilidade. Então, sendo a regulação uma característica dos sistemas vivos, se as condições ambientais são alteradas, tem início uma reação adaptativa, que compõe um conjunto de ações do sistema vivo, todas voltadas a modular adequadamente as funções do sistema de modo a compensar a falha e satisfazer as necessidades adaptativas evitando que o sistema pereça.

Dito isso, o que se pretende agora é explicar o que seria uma concepção de saúde em termos naturalistas fruto de uma abordagem biofuncional², e em seguida propor que esta concepção biofuncional de saúde, sirva de critério avaliativo da condição ótima de viabilidade para a qual o organismo adoecido se dirige ao modular a sua relação com o ambiente.

Para explicar tal concepção apresento o modelo teórico de mau funcionamento biológico proposto por Cristian Saborido et al. (2016). Tal modelo teórico está calcado em uma abordagem sistêmico-organizacional e interpreta a normatividade como uma característica inerente ao sistema biológico, nos mesmos moldes da normatividade no sentido enativo. Essa normatividade natural das organizações biológicas, ou simplesmente normatividade biológica, visa assegurar a capacidade do organismo de responder às demandas do ambiente (SABORIDO et al., 2016, p. 116).

Do mesmo modo que a concepção enativa, essa normatividade tem como característica a autonomia. Tal característica atribuída à normatividade significa que as normas de operação são desenvolvidas pelo próprio sistema no curso de sua história e que elas contribuem para automanutenção biológica daquele sistema organizacional. Desse modo, ao apelar exclusivamente para as condições de existência do próprio sistema organizacional, tal normatividade dispensa qualquer referência a julgamentos de valor impostos por um observador externo (SABORIDO et al., 2016, p. 105). Dito isso pode-se concluir que o que propõem Saborido et al. (2016) é uma caracterização de mau funcionamento biológico que leva em consideração a capacidade adaptativa dos organismos vivos. De acordo com a definição desses autores, somente é possível falar em mau funcionamento quando o próprio sistema não consegue contrabalançar eventuais 'falhas' na interação com o meio, através de mecanismos adaptativos compensatórios, de modo a restabelecer a

² Nesse contexto, 'biofuncional' diz respeito ao funcionamento biológico do organismo, sem referência à tese conhecida como *funcionalismo* em filosofia, segundo a qual uma estrutura cognitiva é definida pela função que ela exerce, a despeito da sua especificação biológica.

capacidade do organismo de responder as demandas do ambiente (SABORIDO et al., 2016, p. 113). Observe que ao tratar as noções de saúde e doença renunciando a quaisquer considerações externas à organização do próprio sistema, ou seja, ao excluir valores externos de suas definições de saúde e doença, os autores estão se opondo à concepção tradicionalmente consolidada na medicina que apela para critérios bioestatísticos para traçar a linha entre o 'normal' e o 'defeituoso' (SABORIDO et al., 2016, p. 103).

Assim sendo, se “a capacidade do organismo de se manter a si mesmo [é] a chave para interpretar o conceito de mau funcionamento em uma perspectiva organizacional”, então um traço biológico, mesmo que não esteja ajustado a certas normas, ainda assim será considerado funcional na medida em que contribui para a automanutenção do organismo (SABORIDO et al., 2016, p. 107). Nas palavras dos autores,

um traço biológico pode apresentar um mau funcionamento sem necessariamente causar o colapso no processo circular de automanutenção porque sistemas biológicos apresentam plasticidade na sua organização. E esta plasticidade é possível porque organismos vivos são exemplos paradigmáticos de sistemas adaptativos (SABORIDO et al., 2016).

Retomando o objetivo proposto para esta seção, destacam-se dois pontos: o primeiro deles, se os organismos vivos instanciam uma normatividade natural que está fundada nas propriedades organizacionais de cada organismo singularmente considerado e, segundo ponto, essa normatividade tem o objetivo de assegurar a capacidade do organismo de responder às demandas mutáveis do ambiente, de modo a garantir a automanutenção biológica do próprio sistema, a conclusão que se espera ter tornada clara até aqui, é que é se mostra coerente com uma perspectiva enativa de cura adotar como critério avaliativo de saúde uma abordagem biofuncional.

Mais uma vez, e com o propósito de dar maior clareza à conclusão proposta, encontrando-se o organismo numa condição de adoecimento tem início uma reação adaptativa, que se destina a regular a relação do organismo com o ambiente de modo a levar esse organismo a alcançar outra vez as condições ótimas de viabilidade. Tais condições ótimas de viabilidade, conforme dito, dizem respeito à capacidade do organismo de responder às demandas do ambiente e garantir a sua própria manutenção. Assim, o que se propõe aqui é que o critério avaliativo de saúde a ser aplicado ao caso, dispense quaisquer considerações externas à própria organização

sistêmica, mesmo que a condição alcançada esteja em desacordo com os critérios bioestatísticos tradicionalmente estabelecidos.

Aplicando tal proposta mais especificamente à análise do efeito placebo, o que se pretende é que o entendimento acerca do processo de cura desencadeado nesse contexto diga respeito ao retorno do organismo, por óbvio, para uma condição de saúde. Contudo, propõe-se que seja aplicado ao caso uma concepção de saúde em termos naturalistas, fruto de uma abordagem biofuncional que, como explicado acima, está baseada exclusivamente na capacidade do organismo de interagir adaptativamente ao ambiente e garantir a sua automanutenção biológica.

Ainda que não seja objeto dessa pesquisa neste primeiro momento avaliar as repercussões desse entendimento, acredita-se que uma visão ampliada e sistêmica de saúde é completamente coerente com o exame da ocorrência do efeito placebo e está alinhada com a abordagem pós-cognitivista proposta por Heras-Escribano (HERAS-ESCRIBANO, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumindo como pressuposto primordial a concepção filosófica enativista acerca da relação de causalidade circular estabelecida entre corpo, mente e ambiente, embora ainda distante de esgotar as possíveis nuances que compõem a inteligibilidade do efeito placebo, o objetivo deste artigo consistiu em apontar alguns fundamentos enativistas e da psicologia ecológica basilares para traçar os contornos do que seria uma explicação enativista para a pergunta: *como uma mera atitude em direção ao tratamento resulta em mudanças corporais apropriadas?*

Dada a construção teórica apresentada até aqui, acredita-se que o passo seguinte em direção à resposta deve incluir o exame dos aspectos sociais e culturais que compõem o campo de *affordances* dos pacientes que se submetem ao tratamento simulado e apresentam respostas corporais de cura.

Sabe-se até aqui que a estrutura circular da produção de sentido ao ser articulada com a abordagem holística no tratamento das desordens psiquiátricas, permite supor o papel fundamental das dimensões existencial, sociocultural e psicológica para pensar o contexto adequado à ocorrência do efeito placebo. Contudo, há que se considerar a existência de um limite em estabelecer uma explicação sincrônica, e apontar uma causa específica para o resultado de cura alcançado, haja vista que a relação estabelecida entre organismo e ambiente compõe um sistema dinâmico complexo, cuja análise da causalidade depende do contexto, incluídas aí as peculiaridades do caso.

O que se pretende deixar como contribuição ao tema nesse momento da pesquisa é a sugestão de se adotar como critério avaliativo para a concepção de cura na perspectiva enativista, a concepção de saúde em termos naturalistas fruto de uma abordagem biofuncional. Ou seja, saúde neste caso é a condição que assegura a capacidade do organismo de responder às demandas do ambiente e garantir a sua automanutenção biológica, e o principal, independentemente de considerações externas à própria organização sistêmica, ainda que a condição alcançada esteja em desacordo com os critérios bioestatísticos tradicionalmente adotados.

Embora o arcabouço teórico até aqui exposto tenha permitido fazer um exame inicial do contexto adequado em que uma mera atitude em direção ao tratamento resulta em mudanças corporais apropriadas, reconhece-se que os contornos da

explicação capaz de desmistificar o efeito placebo carece de maior pesquisa e estudo. Especialmente para saber o que de fato existe nessa interrelação entre mente, corpo e ambiente que permite dispensar o tratamento médico convencional e que possibilita que de um tratamento supostamente ineficaz decorram respostas corporais de cura.

REFERÊNCIAS

- BRANCAZIO, N.; SEGUNDO-ORTIN, M. Distal engagement: Intentions in perception. **Consciousness and Cognition**, v. 79, p. 1-11, 2020.
- BRUINEBERG, J.; CHEMERO, A.; RIETVELD, E. General ecological information supports engagement with affordances for 'higher' cognition. **Synthese**, v. 196, n. 12, p. 5231–5251, 2018.
- CANGUILHEM, G. **The normal and the pathological**. [s.l.] Zone Books, 1991.
- DE HAAN, S. An Enactive Approach to Psychiatry. **Philosophy, Psychiatry, & Psychology**, v. 27, n. 1, p. 3–25, 2020.
- DI PAOLO, E. A. Autopoiesis, Adaptivity, Teleology, Agency. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, v. 4, p. 429–452, 2005.
- CARVALHO, E. M. **Escritos de Filosofia V: Linguagem e Cognição. Capítulo 15 Psicologia Ecológica: da percepção à cognição social**. [s.l.] Editora Fi, 2022.
- FUCHS, T. The Circularity of the Embodied Mind. **Frontiers in Psychology**, v. 11, n. 1707, p. 1-13, 2020.
- GOLDSTEIN, K. **The organism**. [s.l.] Zone Books, 2000.
- HERAS-ESCRIBANO, M. Pragmatism, enactivism, and ecological psychology: towards a unified approach to post-cognitivism. **Synthese**, v. 198, p. 337–363, 2019.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **Autopoiesis and Cognition: The Realization of the Living**. Dordrecht: Springer Netherlands, 1980.
- MOSELEY, J. B. et al. A Controlled Trial of Arthroscopic Surgery for Osteoarthritis of the Knee. **New England Journal of Medicine**, v. 347, n. 2, p. 81–88, 2002.
- ONGARO, G.; WARD, D. An enactive account of placebo effects. **Biology & Philosophy**, v. 32, n. 4, p. 507–533, 2017.
- RIETVELD, E.; KIVERSTEIN, J. A Rich Landscape of Affordances. **Ecological Psychology**, v. 26, p. 325–352, 2014.
- ROLLA, G. **A mente enativa**. [s.l.] Editora Fi, 2021.
- ROLLA, G.; FIGUEIREDO, N. Bringing forth a world, literally. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, 2021.
- SABORIDO, C. et al. Organizational Malfunctions and the Notions of Health and Disease. Em: GIROUX, É. (Ed.). **Naturalism in the Philosophy of Health**. History, Philosophy and Theory of the Life Sciences. Cham: Springer International Publishing, p. 101–120, 2016.
- VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **The embodied mind: cognitive science and human experience**. Cambridge, MA: MIT Press, 2016.